

2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES

Brasília, 7 a 9 de maio/2014

EMBATE INFORMACIONAL: ESTADO VERSUS SOCIEDADE CIVIL NA REVOLUÇÃO EGÍPCIA DE 2011

Thiago Guimarães Moraes

RESUMO: Durante a Revolução Egípcia de 2011, Estado e Sociedade Civil se enfrentaram em diferentes espaços. Além do espaço das cidades, uma batalha foi travada no espaço dos fluxos informacionais. Este artigo busca analisar este embate a partir das publicações do grupo do Facebook “We are all Khaled Said”, um dos principais veículos de divulgação das manifestações egípcias.

Palavras-chave: Revolução Egípcia, Espaço de Fluxo, Liberdade de Expressão

ABSTRACT: During the Egyptian Revolution of 2011, State and Civil Society faced each other in different spaces. Beyond the space of cities, a battle was ensued in the space of flows of information. This article seeks to analyze this clash using the publications from the Facebook group "We are all Khaled Said", one of the main vehicles for the dissemination of the Egyptian manifestations.

Keywords: Egyptian Revolution, Space of Flows, Freedom of Speech

1. INTRODUÇÃO

A Primavera Árabe foi um fenômeno que chamou a atenção de todo o globo no desfecho da primeira década do século XXI. Um dos pontos de destaque da mais recente onda democrática foi a forma que ela ocorreu. Ficou evidente que além do espaço físico, o embate político se desenvolve em outro plano que cada vez mais se torna um fator determinante na vitória dos movimentos sociais: o espaço informacional.

Discutir o espaço informacional no século XXI significa dar visão não apenas à imprensa e aos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, mas significa, sobretudo, analisar a repercussão da mídia digital. Howard e Hussain (2013, p. 4) acreditam que isto acontece principalmente pelo fato da Internet ser uma infraestrutura livre do controle estatal.

Manuel Castells constrói uma teoria do espaço, próxima à filosofia de Leibniz, em que o espaço é relativo, finito e flexível (STALDER, 2008, p. 142). Assim, ao enxergar o espaço como um produto da sociedade, Castells define um novo tipo de espaço que transcendem o espaço físico comum (espaço dos lugares) e passa a ser organizado pelos fluxos dos processos sociais (espaço dos fluxos). Este novo espaço permite que indivíduos possam estar conectados em tempo real, mesmo que isolados geograficamente. E que instrumento melhor para representa-lo do que a mídia digital?

O meio digital, em especial a Internet, ao se estabelecer como um espaço social autônomo, altera as relações de poder do Estado que não é mais capaz de ter controle total sobre as informações que são veiculadas. Essa autonomia se provou essencial para o sucesso dos movimentos sociais no Oriente Médio, que tiveram, em todos os casos, exemplos de usos das mídias digitais para disseminação de informação sobre as manifestações (HOWARD e HUSSEIN, 2013, p. 5).

2. METODOLOGIA

O presente estudo, de caráter qualitativo e exploratório, realiza um estudo de caso da revolução egípcia de 2011, com o propósito de entender de que forma ocorreu o embate informacional entre o Estado (o regime de Mubarak) e a sociedade civil (egípcia e, indiretamente, a sociedade internacional).

Para isso, fez-se uma análise etnográfica online do grupo do Facebook “We are all Khaled Said” (Todos somos Khaled Said), criado por Wael Ghonin, jovem executivo do Google, e Abdul Rahman Mansour em 19 de julho de 2010. O nome do grupo faz alusão ao jovem ativista espancado pela polícia em junho do mesmo ano num cybercafé em Alexandria, por distribuir um vídeo mostrando a corrupção policial (CASTELLS, 2013, p. 50). A página se tornou uma das principais ferramentas, junto com o Twitter, para as mobilizações e para informar as pessoas sobre a repressão violenta do governo Mubarak. (REIS e BARROS, 2011, p. 9). É importante destacar que mesmo não recebendo seu conteúdo em árabe, esta página tinha o objetivo de informar a sociedade internacional sobre o que ocorria e por isso, os usuários postavam textos em inglês. Acredita-se que, como os autores da página eram egípcios, o movimento foi descrito de uma forma fiel.

Nesse estudo, apesar de se focalizar a revolução egípcia, não se consegue dissociar completamente sua sociedade civil da sociedade internacional, visto que os comentários das postagens eram escritos por egípcios, residentes no Egito ou não, e

estrangeiros, residentes no Egito ou mobilizados pelas manifestações. Este é um dado interessante, pois mostra como distinguir etnias na sociedade civil online é uma tarefa complicada, senão impossível: identificar as nacionalidades e residências de todos os internautas que publicaram no grupo se mostrou inviável, pois, além da enorme quantidade, nem todos os usuários possuíam informações completas em seus perfis do Facebook. Como argumentado por Fernback *apud* Gatson (2011, p. 518), o espaço online é um repositório para a memória cultural coletiva, o que torna intrínseca a interação entre as diferentes culturas.

3. RESULTADOS E ANÁLISE

Na data de acesso ao grupo do Facebook, 337.196 pessoas curtiam a página (em outras palavras, seguiam suas publicações). Tendo em vista o objetivo da pesquisa, foram identificadas e selecionadas 33 postagens que tratavam sobre as tentativas de bloqueio à informação realizadas pelo Estado egípcio e/ou mecanismos alternativos de burlar esse bloqueio (i.e. uso de proxies).

A primeira importante observação é que até a data de 25 de janeiro de 2011 (data histórica da revolução), 122 publicações foram realizadas no grupo. Neste dia, um total de 130 publicações foi identificado. Isto revela que essa data foi marcante no que toca a revolução. No pôster é possível verificar um gráfico com o número de publicações diárias no período de 22 de janeiro de 2011 a 31 de janeiro de 2011.

A primeira postagem selecionada, publicada em 25 de janeiro de 2011, às 10:46 (hora oficial no Egito), é uma mensagem informando que emissoras internacionais, a BBC e a US Radio, haviam contatado os criadores da página para entrevista-los sobre a manifestação¹. Esta notícia foi veiculada 2 horas após a primeira publicação sobre manifestações. É interessante o comentário de um jovem egípcio nesta postagem, em que se revela que a rede de tevê Al Jazeera estava tendo seu noticiário online bloqueado.

De uma forma geral, as nove postagens analisadas no dia 25 de janeiro revelavam intervenções estatais na tentativa de censurar a divulgação da informação: bloqueio de páginas web, cortes de linhas celulares, e desconexão de roteadores. A TEData, principal Provedor de Serviços de Internet (PSI) egípcio, e a Vodafone, principal provedora de serviços celular, bloquearam o acesso ao Twitter em seus canais.

¹ https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/178891775480996?stream_ref=10

Um dos bloqueios mais absurdos identificados foi o corte de eletricidade na região de Tanta, na tentativa de parar os protestos². Como resposta, membros do grupo começaram a divulgar proxies (para acesso à Internet por roteadores alternativos) externos ao país. Além disso, a comunidade internacional auxiliou a divulgação dos acontecimentos ao curtir as publicações. Membros das mais diferentes nacionalidades ocidentais (americanos, franceses, britânicos, alemães e brasileiros, entre outros), escreveram mensagens de apoio aos manifestantes, incentivando que continuassem sua luta, que estava sendo acompanhada internacionalmente³.

No dia 26 de janeiro, um total de 126 postagens foi realizado no grupo, sete das quais tratavam sobre o embate informacional. Três delas tratavam sobre o bloqueio do Facebook em todo o país e o corte de energia e das redes celulares em Suez. Além da divulgação de proxies, o grupo Anonymous, conhecido mundialmente por manifestar em prol da liberdade de expressão na Internet, convocou voluntários a realizar um ataque de negação de serviço (DDoS) para derrubar as páginas web do governo egípcio. Os hackers chegaram a publicar um vídeo chamado Operação Egito⁴. Os ataques realmente ocorreram, como revelado pelo *New York Times*⁵. Em outra publicação de destaque, um jornalista da TV egípcia se recusou a anunciar informações falsas sobre os protestos.

O dia 27 de janeiro foi marcado pelo que veio a ser conhecido como a grande desconexão egípcia (CASTELLS, 2013, p. 57). Conforme a publicação no grupo, o motivo da desconexão foi a divulgação de um vídeo da polícia egípcia matando um manifestante⁶. Outra publicação deste dia foi uma reportagem da CBS News sobre as manifestações, com o título “Protestos no Egito abastecidos pelo uso das redes sociais⁷” (tradução). O noticiário revela a contribuição da sociedade internacional na divulgação da informação: o Egito era tema de um em cada 200 tuitadas no mundo! Também destacaram que a liberdade de expressão, apesar de uma importante pauta das manifestações, era secundária frente aos problemas de fome e desemprego.

Apesar da desconexão, as publicações na página do Facebook e outras publicações em redes sociais continuaram, graças aos métodos alternativos de acesso à

² https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/188388637847497?stream_ref=10

³ https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/145936788797734?stream_ref=10

⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=yOLc3B2V4AM>

⁵ http://www.nytimes.com/2011/02/03/world/middleeast/03hackers.html?_r=2&

⁶ https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/159374067448653?stream_ref=10

⁷ <http://www.cbsnews.com/videos/egypt-protests-fueled-by-social-networking/>

Internet. Ao todo, de 27 de janeiro até 1º de fevereiro, data em que a conexão foi restaurada, foram identificadas 247 publicações no grupo analisado. Um dos destaques foi a divulgação do serviço Google Tweet2Speak⁸: uma simples ligação por telefone fixo permitia registrar uma mensagem que era, em seguida, transformada em uma tuitada com a *hashtag* #egypt. O Google é signatário da Global Network Initiative, uma ONG que atua contra a censura web de governos autoritários (HOWARD e HUSSAIN, 2013, p. 32). Manifestações ao redor do mundo foram divulgadas⁹.

4. CONCLUSÃO

O estudo, apesar de pontual, revelou a importância da mídia digital nas manifestações no Egito (e, conseqüentemente, em outros estados árabes). Em especial, a luta pelo espaço informacional é clara diante das inúmeras tentativas de controle do governo de Mubarak que puderam ser contornadas graças ao caráter descentralizado da Internet e ao apoio da comunidade internacional. Não obstante, como destacado no noticiário da CBS analisado, outros elementos de insatisfação fundamentais estavam presentes, além da censura: a fome e o desemprego.

Também é reveladora a influência da comunidade internacional, que ajudou seja com a divulgação de *proxies* e serviços alternativos de acesso à Internet, seja com mensagens de apoio. Como destacado por Castells (2013, p. 74), outra emoção poderosa estava presente, que deu energia às manifestações: a esperança. Sem a perspectiva de mudança, as manifestações no Egito e nos outros Estados árabes poderiam ter fracassado. Porém, a rede permitiu a difusão dos sentimentos de indignação e esperança, que agiram como combustíveis dos movimentos revolucionários. Daí o porquê da preocupação dos regimes autoritários em controlar o espaço informacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GATSON, Sarah N. **The Methods, Politics, and Ethics of Representation in Online Ethnography**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. 4th Ed. Texas: University of Illinois, 2011.

⁸ https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/169414263104149?stream_ref=10

⁹ <https://www.facebook.com/notes/we-are-all-khaled-said/links-to-videos-of-worldwide-support-to-egyptians-uprising/194945290517849>

HOWARD, Phillip N.; HUSSAIN, Muzammil M. **Democracy's Fourth Wave? Digital Media and the Arab Spring**. New York: Oxford University Press, 2013.

REIS, Lucas; BARROS, Samuel. **Internet e revolução no Egito: o uso de sites de redes sociais durante a convulsão social que derrubou o governo ditatorial egípcio em 2011**. In: *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador: UFBA, 2011.

STALDER, Felix. **Manuel Castells: The Theory of the Network Society**. Cambridge: Polity Press, 2008.